

Bicentenário da Guerra de 1801 no Rio Grande do Sul e da Conquista dos Sete Povos das Missões

Cláudio Moreira Bento*

RESUMO

O artigo oferece ao leitor uma síntese histórica sobre a definição final da fronteira meridional do Brasil, ao evocar a passagem do seu bicentenário.

PALAVRAS-CHAVES

Portugal, Espanha, Rio Grande do Sul, Sete Povos das Missões.

Em 1801, Portugal e Espanha entraram novamente em guerra na Europa. O conflito estendeu-se ao Brasil, envolvendo os territórios do Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul atuais.

No Rio Grande do Sul durou, de 14 de julho a 17 de dezembro de 1801, 5 meses e 3 dias. Foi planejada e comandada pelo Governador do Rio Grande de então, o Tenente-General Sebastião Veiga Cabral da Câmara que, em 1º de abril de 1776, como coronel, comandara o Regimento de Bragança na reconquista da Vila de Rio

Grande. Foi ele o primeiro a entrar na cidade, depois de expulsos os espanhóis que a ocuparam por 13 anos¹.

De 1777 a 1801, o Rio Grande do Sul atravessou um período de paz e de grande desenvolvimento, ao lado de um inconformismo generalizado de seu povo com o Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que reduziu expressivamente o território da 3ª Região Militar (3ª RM) atual delineado pelo Tratado de Madri, de 1750.

Nessa época, a Comandância Militar estava dividida, pelo Rio Camaquã, em fronteira do Rio Grande, sob jurisdição da

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

¹ O evento é abordado, com detalhes, em *A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul, 1774-76*. (BIBLIEX, 1996), que relata como o Tenente-General Veiga Cabral a comandou do Rio Grande, seu quartel-general, recolhido ao leito. Veiga Cabral morreu em 5 de novembro de 1811, após a fase mais crítica da guerra e ter governado o Rio Grande do Sul subordinado ao Rio de Janeiro, por mais de vinte anos.

vila do Rio Grande, Quartel-General da Comandância Militar, e a do Rio Pardo, sob jurisdição de Rio Pardo, sede do Regimento dos Dragões do Rio Grande.

As hostilidades tiveram início na fronteira do Rio Grande, comandada pelo Coronel Manoel Marques de Souza². Foram atacadas as guardas espanholas ao sul do Rio Piratini, a fronteira de fato (municípios de Canguçu e Piratini atuais) até o Rio Jaguarão.³

Essa operação foi conduzida pelo Major Vasco Pinto Bandeira, que, segundo consta, era irmão do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira e filho do primeiro comandante de uma unidade de linha no território da 3ª RM, Capitão Francisco Pinto Bandeira, a primeira companhia formadora do Regimento de Dragões.

Na fronteira do Rio Pardo, os Dragões, ao comando do Coronel Patrício Correia Câmara,⁴ expulsaram os espanhóis da guarda de São Gabriel do Batovi⁵ e, a seguir, a de Santa Tecla, que foi arrasada pela segunda vez e definitivamente.

Os espanhóis de Batovi e de Santa Tecla recolheram-se ao forte de Cerro Largo (atual Mello). A Guarda São Sebastião retirou-se para São Borja, no Passo do Rosário.

A partir de Santa Maria atual, quarenta Dragões aventureiros, sob orientação do Coronel Patrício da Câmara comandante da fronteira do Rio Pardo, lançaram-se, a partir de Santa Maria atual, sobre a guarda espanhola de São Martinho e, dali, sobre os povos de São Miguel, Santo Ângelo, São

Luiz Gonzaga e São Nicolau, terminando por incorporar definitivamente os Sete Povos pela força das armas.

Seguiu-se a conquista do atual município de Santa Vitória, a partir dos arroios Taim e Albardão, fronteira de fato, conquista feita pelo Capitão-de-Milícias Simão Soares da Silva e o Tenente-de-Dragões José Antunes de Porciúncula, à frente de cem milicianos e 36 Dragões de Rio Pardo. Eles atacaram, de surpresa, as guardas do Chuí e de São Miguel que retraíram para o forte de Cerro Largo⁶.

Face a esses ataques, os espanhóis reagiram, a partir do forte do Cerro Largo, ao comando do Marquês de Sobremonte, governador de Buenos Aires. O Contingente da fronteira do Rio Grande chocou-se com um outro, espanhol, lançado de Cerro Largo na direção do Passo N. S. da Conceição do Rio Jaguarão (atual Centurión). E teve lugar o combate do Passo das Perdizes, em 17 de outubro de 1801.

Essa manobra espanhola foi diversionária, destinada a cobrir o lançamento, de Cerro Largo, em socorro das Missões, do Tenente-Coronel José Ignácio de la Quintana, forte de 600 homens.

A Fronteira do Rio Pardo reagiu, enviando trezentos Dragões, que conquistaram São Borja, depois de violento e muito disputado combate. Eles acompanharam a coluna Quintana e ofereceram-lhe tenaz resistência, em São Gabriel e Rosário do Sul atuais, obrigando-a a retirar-se para Cerro Largo.

² Atual denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, de Pelotas.

³ As guardas denominavam-se: São Sebastião, São José, Santa Rosa, Quilombo e da Lagoa.

⁴ Atual denominação histórica da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, de Bagé.

⁵ Fundada pelos espanhóis, segundo Osório Santana Figueiredo em *História de São Gabriel* (s/ed. 1993).

⁶ Ver, na Revista Militar Brasileira (jul/dez 1947), *Santa Vitória do Palmar na História Militar*.

Estimulados pelas vitórias das guardas do Chuí, São Miguel e Passo das Perdizes, na fronteira do Rio Grande, e pelas de São Borja, Rosário do Sul e São Gabriel atuais, na fronteira do Rio Pardo, o Comando Militar do Rio Grande decidiu conquistar a base de operações espanhola, o forte de Cerro Largo, aproveitando a ausência, ali, da Coluna Quintana lançada em socorro a São Borja.

Enquanto isso se passava, o governador de Buenos Aires, Marquês de Sobremonte, mobilizou recursos para socorrer o ameaçado forte de Cerro Largo, cerrando sobre ele e o encontrando desamparado.

Com a morte do Governador Veiga Cabral, em 5 de novembro de 1801, cerca de 42 dias antes do término da guerra, ele foi substituído no Comando Militar e Governo do Rio Grande pelo Brigadeiro Francisco Róscio. Este ordenou uma concentração de todas as forças do Rio Grande no Passo N. S. da Conceição do Jaguarão, face à concentração espanhola no forte Cerro Largo.

Sobremonte cerrou suas forças para o Passo N. S. da Conceição do Jaguarão em 30 de novembro de 1801. A concentração portuguesa foi ali reforçada em 5 de dezembro, com quinhentos homens transferidos do Taim e de Albardão, aprofundamentos das defesas nos arroios Chuí e São Miguel.

Ainda a 5 de dezembro de 1801, o comandante espanhol mandou um *ultimatum* ao heróico Coronel Manuel Marques de Souza, comandante da fronteira do Rio Grande⁷, dando-lhe 24 horas para evacuar a

região. Recebeu a seguinte resposta: *Nem 2.400 anos conseguiriam desalojá-lo do local. Que tentassem para confirmar!*

Em 10 de dezembro de 1801, a fronteira do Rio Grande foi reforçada pela do Rio Pardo, com a chegada do Coronel Patrício Correia Câmara, à frente de quatrocentos Dragões milicianos e voluntários.

Em 13 de dezembro de 1801, o Marquês de Sobremonte ordenou a retirada de sua tropa para o forte do Cerro Largo, consciente da superioridade portuguesa e do perigo que corria de ser batido em campo raso.

Em 17 de dezembro de 1801, foi publicada, no Rio Grande, a paz entre a Espanha e Portugal. O Coronel Patrício, em 20 de dezembro, retornou ao Rio Pardo, em razão da suspeita, não confirmada, de que outra coluna Quintana fora lançada na direção dos Sete Povos para reconquistá-los.

Aliás, em 29 de novembro, uma coluna de cem espanhóis e oitenta índios, apoiados em duas peças de Artilharia, haviam sido rechaçados pelos conquistadores dos Sete Povos. Fora o segundo ataque à conquistada São Borja - o primeiro viera pelo Rio Uruguai. Em Porto Alegre, em condições de reforçar as tropas do Rio Grande, encontrava-se o Regimento Extremoz, de Portugal, e que participara da reconquista da Vila do Rio Grande, em 1776.

A guerra foi financiada por estancieros e fazendeiros gaúchos que participaram da luta como voluntários e milicianos. Eles forneceram comandantes, oficiais, graduados, soldados, armas, cavalos e os

⁷ Futuro comandante da 3ª RM e primeiro gaúcho a presidir o Rio Grande do Sul como capitania.

uniformes que foram distribuídos às colunas de Cavalaria de Milícias e Auxiliares Ligeiras, particularmente na fronteira do Rio Grande, depois de mobilizados nos atuais municípios de Estreito, Mostardas, Rio Grande, Pelotas, Canguçu, Piratini, Cerrito, Capão do Leão, São Lourenço do Sul e Camaquã.

Enfim, foi uma guerra vitoriosa, com o apoio logístico, predominante da iniciativa privada ou do povo gaúcho.

Os resultados da guerra foram excepcionais para o Rio Grande do Sul. Foram conquistados, pela força das armas, as riquíssimas pastagens dos Sete Povos das Missões, dos territórios entre os rios Jaguarão e Piratini, da margem esquerda do Rio Santa Maria, até a linha do Tratado de Santo Ildefonso, divisória das bacias da Lagoa dos Patos e do Rio Uruguai, e o território do atual município de Santa Vitória.

Enfim, compensou-se de certa forma o que o Tratado de Madri de 1750 equitativamente previra, só ficando de fora do Rio Grande o atual território conhecido por Distrito de Entre-Rios⁸.

Esses territórios não foram devolvidos por não terem sido exigidos, em razão de a Espanha ter-se sentido compensada com a

cidade portuguesa de Olivença, que ela conquistara nessa guerra.

Passou a ter grande movimento o caminho terrestre de articulação das sedes das fronteiras do Rio Grande, Rio Pardo e do Distrito das Missões, então criado, seguindo o seguinte itinerário: Rio Grande -

Pelotas - Canguçu - Encruzilhada - Rio Pardo - Santa Maria - São Borja.

Surgiu na divisão territorial, da atual 3ª RM, o Distrito Militar das Missões, que se desligou da Fronteira do Rio Pardo e é hoje área a cargo da 1ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de Santiago do Boqueirão.

Eis uma guerra que tem sido pouco estudada e dela só é enfatizada, pela tradição, a conquista dos Sete Povos como sendo uma iniciativa de quarenta aventureiros.

Em realidade, eles atuaram dentro de um amplo contexto estratégico que envolveu o Vice-Rei e Capitão-General-de-Mar-e-Terra do Brasil e Conde de Resende, o governador e comandante militar do Rio Grande, Tenente-General Sebastião da Veiga Cabral da Câmara, e os das fronteiras do Rio Pardo e Rio Grande, os coronéis Patrício e Marques de Souza.

A guerra foi estudada pelo Coronel Jonathas Rego Monteiro, em *Campanha*

A guerra foi financiada por estancieiros e fazendeiros gaúchos que participaram da luta como voluntários e milicianos. Eles forneceram comandantes, oficiais, graduados, soldados, armas, cavalos e os uniformes, que foram distribuídos às colunas de Cavalaria de Milícias e Auxiliares Ligeiras, particularmente na fronteira do Rio Grande, depois de mobilizados nos atuais municípios de Estreito, Mostardas, Rio Grande, Pelotas, Canguçu, Piratini, Cerrito, Capão do Leão, São Lourenço do Sul e Camaquã.

⁸ Entre os rios Quarai, Uruguai, Ibicuí e Santa Maria.

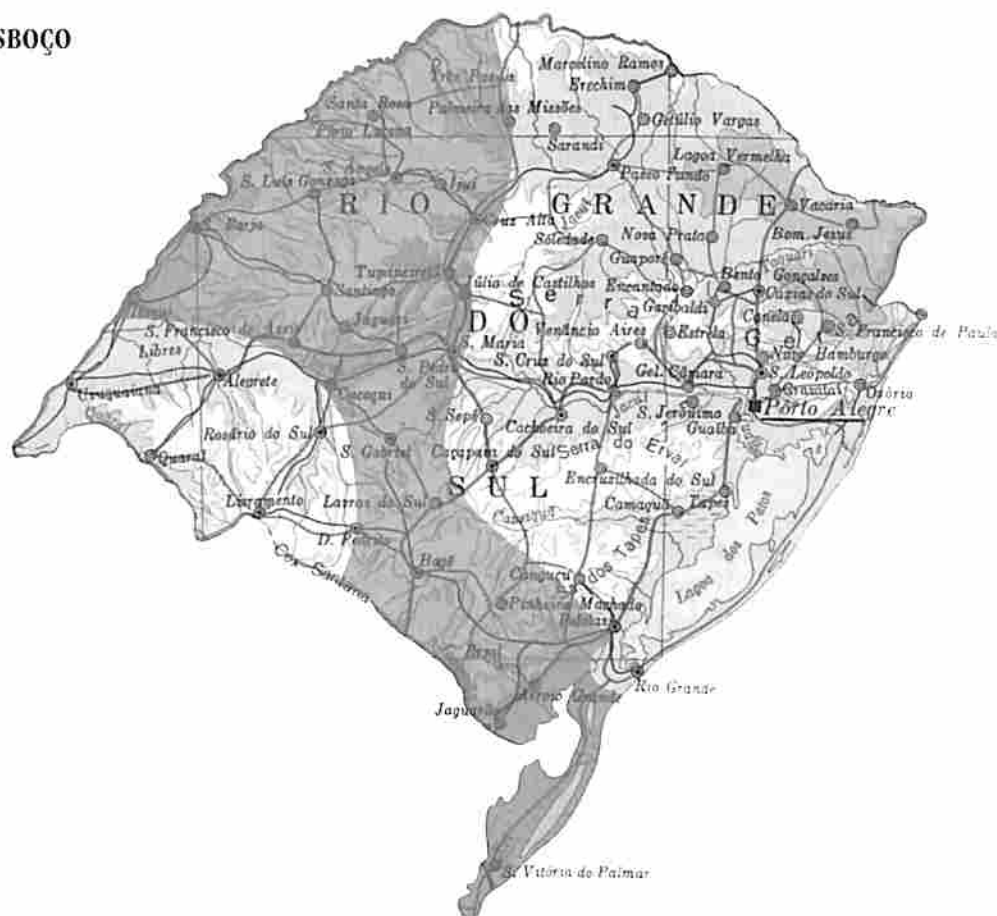
de 1801⁹, com apoio em fontes primárias consultadas no Itamaraty, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional.

A guerra de 1801 incorporou, ao Rio Grande do Sul, os seguintes municípios (atuais): Santa Vitória do Palmar, Jaguarão, Arroio Grande, Pedro Osório,

Herval, Pinheiro Machado, Bagé, São Gabriel e parte de D. Pedrito (margem direita do Santa Maria). E, nas Missões, os atuais São Borja, Santiago, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo, Ijuí, São Miguel, enfim todos os municípios que se encontram nas Missões. ●

⁹ Rio, IHGB - IN, 1942, separada dos Anais do III Congresso de História Nacional, v. 4.

ESBOÇO



- Na parte escura, os territórios incorporados ao Rio Grande do Sul, após a guerra de 1801.
- O território abrangido pelos atuais municípios de Uruguaiana, Alegrete, Quaraí, Rosário, Santana e parte de D. Pedrito constituíam o Distrito espanhol de Entre Rios